

CARLOS Gomes: as fotos ficam em Belém, e Clóvis editará seu livro.  
O Liberal, Belém, 18 ago. 1985.

**CARLOS GOMES**

**As fotos ficam  
em Belém,**

**e Clóvis editará seu livro**



**Os negativos, as provas e as fotografias de parte de uma obra guardada há quinze anos.**



**Na frente do professor Clóvis, os acréscimos à pesquisa (lote maior) e o texto do livro (lote menor) que será publicado com novos elementos.**



**Clichês feitos no Rio e que serão utilizados na impressão do livro sobre Carlos Gomes.**

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE002089

"Recolho o gesto dos que superiormente conduzem os destinos de O LIBERAL, e que dele fazem um dos mais acreditados órgãos da imprensa brasileira, enjando-me, para o imperativo restabelecimento, na sua plenitude e na sua exatidão, da verdade sobre a matéria divulgada na página 18, de sua edição de domingo, 11 do corrente, sob o título "Um novo adeus de Carlos Gomes, que se vai como filho pródigo", com uma afirmação de alto apreço à dignidade da Cultura e dos que nela perseveram, silenciosa e beneditivamente, sem outra recompensa senão a íntima alegria de ver reconhecida, na credibilidade pública, a indubitável probidade com que procuram marcar seus nomes, na sua vida e sua obra.

Conforta-me, particularmente, o acerto da decisão de Pedro Pinto, que mereci ouvir, após as ponderações feitas, já na parte final do longo contacto telefônico que comigo mantive, de que não mais pretende dar outro destino aos negativos que possui, mantendo-os sob sua guarda, e, conseqüentemente, mantendo-os no Pará.

Outro gesto não esperava do competente profissional conterrâneo, um dos melhores que o Pará possui, comprovado pelo sucesso de sua arte, de vez que, embora detentor, por havê-los guardado, e até porque nunca lhos pedi, dos negativos em apreço, estes pertencem ao documentário iconográfico de uma obra que tem autor e de uma obra inédita. Obra, melhor situando, de minha exclusiva autoria, e para cuja execução, desdobrei-me, dentro e fora do Estado, em longa e penosa pesquisa. Nessa pesquisa, em Belém, andejando-a nos mais diversificados lugares, tive em Pedro Pinto, embora como fotógrafo remunerado — e nem de outra maneira poderia deixar de ser — um acompanhante inexcusável e infatigável. Sempre lhe dediquei especial afeto e por isso dele nunca me faltou com a recíproca, pondo, com devotamento, os segredos do manejo de sua máquina, a serviço da reprodução, em fotos primorosas, elogiadas, no Rio, pela gráfica a que a obra posteriormente foi confiada, de objetos, relíquias, documentário de revistas e jornais antigos, prédios, pessoas, etc. e que viriam a constituir, substancialmente, o rico acervo ilustrativo da obra a editar sobre Carlos Gomes no Pará. Fê-lo, muitas vezes, superando percalços, como, por exemplo, mediante uso de escada, passou, na manhã de um sábado, na ante-sala do Gabinete do Prefeito de Belém, a fixar pessoas e detalhes da famosa tela sobre os últimos dias de Carlos Gomes. Fê-lo e fê-lo bem, mas, é claro, mediante

emuneração, conforme os seus vários recibos existentes nas pastas de prestações trimestrais do Conselho Estadual de Cultura, cópias dos enviados, em 1970, ao Tribunal de Contas do Estado, pagamentos esses que lhe foram feitos através de cheques nominais contra o Banco do Estado do Pará.

No que tange ao permanecer no Pará o pouco que nele ainda resta de Carlos Gomes constitui ato de acerto e lucidez. Pará, como Campinas, tem alto significado na caminhada de Carlos Gomes. Ressalto-o, pormenorizadamente, em parecer que emiti, como Vice-Governador, e cuja cópia ora cedo aos interesses de qualquer divulgação, quando me posicionei contrariamente à ida, mesmo que por empréstimo, da tela sobre os últimos dias de Carlos Gomes, para participar de uma exposição em São Paulo, em 1977, a pedido do Governo desse Estado.

Aliás, ninguém mais exaltou o destacado lugar do Pará, em relação ao genial maestro, e mais reclamou a imperecedoura gratidão de São Paulo ao rincão nortista que serviu de cenário à sua gloriosa morte, do que César Bierrenbach, o maior tribuno campineiro de seu tempo, talvez o mais afervorado amigo e cultor de Carlos Gomes, trazendo ao domínio público, nos seus candentes pronunciamentos e artigos divulgados na imprensa de Campinas, hoje condensados em obra rara, postumamente publicada pela Livraria Universal de Curitiba ("Produções Literárias de César Bierrenbach", em dois volumes) a amargura que Carlos Gomes levou para o túmulo, narrada em confidências com que não pode sopitar a terrível decepção ante à negativa do Governo da sua terra natal, que lhe faltou com os meios quando tentou ali assentar a sua derradeira tenda de trabalho, e o lenitivo sem tamanho que lhe retemperou a alma, no dorido ocaso, quando o Pará o recolheu apoteoticamente para guindá-lo, por nobre ato do Governador Lauro Sodré, ao alto posto de Diretor de Conservatório de Música, e lhe reservou, no lento calvário de sua enfermidade, como na hora crucial de sua morte, assistência, conforto, ternura e eminência de lembrança inapagável.

#### A obra

Em 1970, transcorreu o centenário da estreia da ópera "O Guarani", de Carlos Gomes, no Teatro Scalla, de Milão. No Pará, o Conselho de Cultura, então sob a minha presidência incluiu o evento em seu calendário cultural, emprestando aos seus festejos interesse e magnitude.

Na Imperial Sociedade Beneficente Artística Paraense guardava-se, entesourada

com carinho, mas sobretudo com a preocupação de certa reserva, a máscara mortuária de Carlos Gomes. Soube-o através de Emílio Martins, grande amigo e mais tarde meu colega no Tribunal de Contas. Consegui, pelo prestígio e conceito que o Conselho já alcançara, conquistar a confiança da Diretoria e em especial do então presidente da Associação, de tal sorte que não só tive acesso à peça, protegida em rica vitrina, como ao documentário de sua origem. Logo se promovia, naquele secular recinto, sob os auspícios do Conselho e com o ostensivo apoio do Governo do Estado, uma exposição da máscara, com pompas, inclusive guarda de honra, revezada, de integrantes da Polícia Militar do Estado, cerimônia que contou com a prestigiosa presença do que havia de mais representativo nos círculos da Cultura no Pará. A máscara fora feita pelos notáveis artistas De Angelis e Capranesi, que estavam em Belém por ocasião do óbito, e por eles ofertada ao Senador Intendente Antônio Lemos. Este, mais tarde, doou-a àquela Associação, através de expressiva carta, que seus dirigentes preservam encadernada. Do texto da carta, da capa do livro que a guarnecia, como da máscara, vitrina e recinto interior da Associação mandei tirar várias fotografias. Em meado desse ano essa sociedade comemorava o seu 103º aniversário e nela fiz, nessa ocasião, uma conferência sobre Carlos Gomes no Pará.

Ainda por intermédio de Emílio Martins, cujo pai tivera uma coleção completa de fotografias sobre o enterro de Carlos Gomes, e que, anos depois, no Rio, quando no MEC trabalhava com Vicente Salles, a este presenteou, tive pista para nova conquista. Fui ao Rio. Vicente Salles há havia doado a preciosa coleção à Biblioteca Nacional. Com desvelo inexcusável, acompanhou-me e intercedeu junto a essa instituição, para que pudesse obter, dessas fotos, reprodução para o livro que pretendia editar, o que realmente foi conseguido mediante execução em casa especia-

lizada da confiança da própria Biblioteca Nacional.

Daí por diante, Vicente Salles, cuja seriedade intelectual é um dos motivos de orgulho do Pará, passou a testemunhar a evolução desse meu esforço e crescimento e valia do material que ia recrutando.

Facilitou-me, nas diferentes vezes que ia ao Rio, contactos, aquisições em antiquários de livros e cedeu-me, inclusive, valiosas anotações de Alcebiades Nobre, irmão de Helena e Ulysses, coligidas em jornais da época sobre Carlos Gomes, o que me foi muito útil, pelo menos como roteiro e ajuda na busca dos jornais na Biblioteca Pública do Pará. O Diretor desta, meu saudoso mestre Ernesto Cruz, foi outro grande colaborador facilitando-me o acesso a esses jornais, cujo estado, pelo tempo, já naquela altura era bem precário. Vicente Salles, em seu apreciado livro "Música e Músicos do Pará", ao reportar-se sobre o florescimento da ópera no Teatro da Paz, e particularmente sobre Carlos Gomes, refere que "o professor Clóvis Silva de Moraes Rego realizou exaustiva pesquisa sobre a vida de Carlos Gomes no Pará, trabalho, até o momento, ainda inédito".

Em outubro desse ano (1970) tive a oportunidade de ir a Campinas, representando o Governo do Estado do Pará, para a homenagem ali prestada a Lauro Sodré, e proféri, na Câmara Municipal, conferência sobre Carlos Gomes no Pará. Aproveitei a viagem para contactos e pesquisas, conseguindo, só nessa ocasião, a fotografia do piano de Carlos Gomes, que o Governador Dionísio Bentes cedeu aos apelos dos campineiros, foto por cuja obtenção há muito vinha lutando.

Ainda em 1970 houve o momentoso "Encontro de Brasília", que reuniu, sob presidência do então ministro Jarbas Passarinho, todos os Governadores, com os respectivos Presidentes de Conselhos de Cultura de seus Estados. Viajei com o governador Alacid Nunes no vôo inaugural de um pequeno avião do DER. Durante a demorada viagem mos-

trei ao Governador o alentado material (texto e fotos) que já havia recrutado em minha pesquisa sobre Carlos Gomes no Pará. Tal foi o entusiasmo do Governador pelo que vira, que de pronto tomara a seguinte decisão: Após o "Encontro de Brasília", eu, em vez de retornar a Belém no avião do DER, deveria seguir em avião comercial, até o Rio de Janeiro, e ali entrar em contacto com o escritor Corrêa Pinto, meu grande amigo e representante do Conselho no Rio, para, nesse Estado, mandar editar a obra na melhor gráfica que julgasse. E assim ocorreu. A obra foi confiada à Gráfica Lux, que antes já havia editado as obras "Ruas de Belém", de Ernesto Cruz, e a Seleta de Paulino de Brito. No Rio se fizeram, com as fotos daqui levadas, os clichês em retícula para couchê, ultrapassando uma centena. Voltando a Belém, a obra, com o respaldo financeiro do Governo, foi incorporada à programação editorial do Conselho, que, daí por diante, passou a inserir na nas orelhas de todos os livros postos a lume como obra em preparo. Assim é que nas orelhas de livros como, por exemplo, "Música e Músicos do Pará", de Vicente Salles; "Antologia Amazônica", de Estácio de Azevedo; "Vultos Notáveis do Pará", de Ricardo Borges; "Obras de Domingos Antônio Raiol" e outras, figura a relação de todos os livros editados pelo Conselho, e, entre aqueles a editar, "Carlos Gomes no Pará", de Clóvis Morais Rego.

Em 1971, o Governador Alacid Nunes deixava o Governo, transferindo-se a Fernando Guilhon. Este, além de homem de sensibilidade, era também um de meus melhores e fraternos amigos. As dificuldades do erário não permitiam, contudo, maiores despesas pelo Conselho. Este continuou em fecunda programação editorial, mas graças aos convênios com o Conselho Federal de Cultura e à ajuda inestimável que para esse fim deram ao Conselho do Pará os seus primeiros presidentes, Josué Montello e Artur Reis. Os planos de aplicação para os convênios com o Conselho Federal eram preferencialmente, na parte editorial, voltados ao reaparecimento de obras raras e esgotadas. Tive escrúpulos, como presidente, de cogitar da edição de meu trabalho. Ainda no governo Guilhon saiu a indicação de meu nome para o cargo de Vice-Governador. Antes da eleição indireta, pela Assembléia Legislativa, deixei a presidência do Conselho, transferindo-a a então Vice-Presidente, minha querida colega e grande amiga Maria Annunciada Chaves, que até hoje, felizmente, ainda lhe presta, no desempenho do posto, o seu inigualável de-

votamento e o concurso de seu reconhecido talento.

Como a obra não houvesse sido editada, consegui de Corrêa Pinto, quando ainda era eu Vice-Governador, a devolução de todo material pela Gráfica Lux (texto, clichês, fotografias e respectivas provas, inclusive negativos destas) o que mantenho cuidadosamente guardado não obstante os percalços inevitáveis de três mudanças de residência. A natureza dos cargos que passei a desempenhar, como é notório, não me permitia o acompanhamento da obra. Ficou parada e, de resto, não chegou a ser editada.

Antes eu mandava, incessantemente, carta após carta, a Corrêa Pinto (daí as dezenas de nossa troca epistolar existentes em meu arquivo) novos subsídios, novas matérias, novos acréscimos. Se isso acontecia àquela época, quando eu perseguia no curso da pesquisa, novas descobertas, ocorreu ainda mais o seguinte nos anos que se sucederam até o momento, dado importante que é necessário ser destacado: nesse tempo todo, pelo leque de relacionamento que me levou a condição de autor dessa obra, passei a corresponder-me com um universo de pessoas e delas receber, reconfortado pela confiança que lhes despertei, soma considerável de novos subsídios. Estes se avolumaram de tal sorte que, em tamanho, a pilha de matéria nova supera a do texto original. Terei que reler esse material, seleccioná-lo e "costurá-lo", incorporando-o ao texto da obra, trabalhos às vezes mais penoso do que o de escrever uma obra nova. São as razões por que o meu trabalho não veio ainda a lume, mas que há de vir a acontecê-lo em breve, se Deus quiser, não me faltando este com saúde e entusiasmo. E assim hei de chegar ao cabo do que tanto almejo, conseguindo ver concluído o resultado da luta a que me impus e, afinal, poder satisfazer ao estímulo de tantas pessoas, parte de minha vida, pelo afeito e pelo coração, e que tanto reclamam a concretização desse cometimento. Particularmente, estarei atendendo, entre esses fraternos amigos, ao desse valoroso historiador Donato Mello Júnior, que, ao emitir seu honroso juízo sobre meu último livro "Ignácio de Souza Moitta, juiz e humanista", assim termina: "Deve agora Clóvis Morais Rego tirar do seu cofre, entre outras jóias de um tesouro acumulado, o seu "Carlos Gomes no Pará", artista aliás próximo do seu sesquicentenário de nascimento em 1986, obra que marcará a presença do grande músico paulista na paisagem cultural de Belém. Assim seja".